
O TRABALHO COM PALAVRAS GERADORAS E LITERATURA PARA FORMAÇÃO/ALFABETIZAÇÃO NA EJA: uma experiência de parceria entre universidade e escola

POLYANA GOMES DE MATOS¹
<https://orcid.org/0009-0001-8181-0296>
polyana.matos@estudante.ufjf.br

RESUMO

O trabalho apresenta um relato de experiência realizado no ano de 2023, em uma turma multisseriada de Educação de Jovens e Adultos. A turma, caracterizada pela presença de uma professora regente para alunos das séries de primeiro ao quinto ano, possuía diferentes idades e tempos de aprendizagem. O trabalho contou, ainda, com a presença de bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) do Subprojeto Pedagogia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como participantes ativos da sala de aula. A experiência narra o trabalho com o livro de literatura *Canção da Mudança*; poema de Amanda Gormam e ilustrações de Loren Longo (Intrínseca, 2021). O relato aponta desde a seleção do livro, com auxílio dos debates surgidos no interior do PIBID, passando pelo trabalho com as palavras geradoras advindas do título e finalizando com os debates em prol das mudanças possíveis e necessárias em nossa sociedade com relação aos preconceitos de raça e gênero especialmente.

Palavras-chave: EJA. Formação. Palavras geradoras. Debates. Mudança.

1. APRESENTAÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), conforme prevista na normativa legal brasileira, é uma modalidade de ensino considerada parte integrante da Educação Básica “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (LDB, 1996, p. 45). Além disso, nessa mesma normativa, é previsto que a modalidade deve assegurar gratuidade, “articulação com ensino profissional, recenseamento e estímulo de acesso e permanência na escola através de modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades” (LDB, 1996, p. 45).

Em atendimento a essas premissas, o município de Juiz de Fora oferece vagas do primeiro ao nono ano do ensino fundamental à escolarização de Jovens e Adultos. É também em atendimento às especificidades desta modalidade que o Centro de

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ; Professora da Rede municipal e estadual da cidade de Juiz de Fora/MG. E-mail: polyana.matos@estudante.ufjf.br

Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho oferece turmas regulares de EJA nos turnos da manhã, tarde e noite; fato raro para os/as estudantes da EJA, já que, na maioria das vezes, as vagas disponíveis estão apenas no turno noturno. Esse direito do/da estudante trabalhador(a), de poder cursar o ensino regular dentro das escolas públicas, passa pelos dissabores da vida de muitos dos/das sujeitos(as) que se voltam para essa modalidade; haja vista que são em grande parte ocupantes de empregos mal remunerados e em horários pouco flexíveis que não as/os auxiliam/incentivam à permanência na escola (Silva, 2017).

Somado a essa garantia de direitos, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) ofereceu, no ano de 2023, oito bolsas de iniciação à docência para alunas de diferentes períodos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG para acompanhamento de uma professora da turma, no período de abril a dezembro, em uma turma multisseriada de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, o presente texto pretende apresentar um relato dentre as muitas experiências vividas nesse período.

2. CONTEXTO EM QUE OCORRE A AÇÃO

O trabalho foi realizado no Centro de Educação de Jovens de Adultos Dr. Geraldo Moutinho, pertencente à Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora. A escola, como o próprio nome já sugere, é específica de turmas de EJA e as oferece nos três turnos: manhã, tarde e noite. É considerado um Centro de Educação por promover não apenas escolarização formal, mas também “cursos sócio artísticos, de línguas e profissionalizantes para toda a comunidade” (CEM, PPP, 2023, p. 6). O prédio central pertence ao complexo arquitetônico histórico da Fábrica de Tecidos Bernardo Mascarenhas e, em 2023, a escola atendeu a cerca de 800 estudantes.

O presente artigo motiva-se pelo conjunto de atividades e reflexões no PIBID/Pedagogia em uma turma multisseriada que funcionava no turno da manhã com treze alunos. Eram sete homens e seis mulheres, com idades entre quatorze e setenta e cinco anos. Onze se autodeclaravam negros ou pardos e um homem branco;

estatística que se repete por toda escola e que faz com que debates sobre o tema de negritudes/racismos seja constante e necessário.

Foi durante esses debates que muitas divergências surgiram, motivando a construção de intervenção pedagógica com relação ao que seriam e como se dariam os preconceitos de raça e gênero; especialmente. Palavras e frases como “isso é *tudo mimimi*”, “mulher tem mesmo que ficar mais em casa e cuidar do lar”, “tem muito negro preguiçoso”, dentre outras, proferidas por homens brancos e negros, entre 40 e 65 anos, eram contra-argumentadas com as leis atuais de igualdade e com os cenários sociais no século XXI.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De posse dessas vontades, ou melhor qualificando, preocupações, as questões chegavam ao PIBID para debate e busca de caminhos possíveis para o trabalho em sala de aula. O ambiente rico de estudos e debates junto à Universidade proporcionava, no caso específico das reuniões do grupo PIBID/EJA/UFJF/2023, espaço para que os anseios das salas multisseriadas fossem acolhidos e compartilhados. Neste cenário, surgiam também as demandas específicas e coletivas das turmas e de que maneira os estudantes poderiam contribuir para auxiliar a saná-las; e algumas delas, fizeram-se recorrentes e urgentes.

A primeira e mais recorrente era que as expectativas dos/das estudantes das turmas observadas e acompanhadas pelo PIBID/UFJF/EJA/2023 eram expressas por um certo “modus operandi” escolarizado. Dito de outro modo, os/as educandos (as) tinham consigo certas ideias do que seria e como seria ser “escolar”, “escolarizado(a)” e de como deveria ser, fazer parte deste ambiente. É fato que a aspiração por aprender a ler e escrever era o motor gerador de toda a vontade subsequente. Com isso, atividades de cópia, alfabeto, silabários, decorebas de tabuadas eram supervalorizadas e solicitadas com certa constância em detrimento de atividades de oralidade, debates, textos e leituras coletivas, jogos pedagógicos e filmes, que eram renegadas e tidas como “perda de tempo” para o aprendizado escolar.

Portanto, apesar de advirem de realidades adversas e, ao mesmo tempo, muito semelhantes em termos de negação de direitos em todas as esferas da vida cotidiana, as/os estudantes apresentavam uma visão escolar de que as atividades deveriam seguir certos padrões; padrões esses que também estão estabelecidos no imaginário social mais geral e que se estende até mesmo para além dos muros da escola (Vicent, Lahire, Thin, 2001). Esse perfil das turmas, também condiz com aquilo que a sociedade impregna aos sujeitos(as) da EJA: aqueles e aquelas que estão “atrasados(as)”; que estão devendo tempo e idade escolar e que, por isso, precisam se sentar nos bancos escolares da mesma maneira que deveriam ter se sentado há anos atrás. Tudo na expectativa de que o tempo que foi “perdido” seja “recuperado”. Numa das tardes, o encontro foi iniciado com a leitura do livro “Canção da Mudança” (Intrínseca, 2021). A proposta era pensar mudanças possíveis dentro da educação brasileira e, mais especificamente, dentro do cenário micro das nossas salas de aula. A proposta de esperar (Freire, 2001) tomou conta de nós e levamos para a sala de aula.

4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Na primeira etapa, inicialmente, foi feita a leitura do livro “*Canção da Mudança*” seguida de um dos poemas do livro “Menina, mulher, preta” de Anna Torquato (Motres, 2022). Na semana seguinte, a leitura foi feita após um dos poemas desse mesmo livro. A ideia de “esperançar mudanças” era o mote gerador das repetidas leituras em sala e, conseguinte, dar segurança na leitura em voz alta para os/as educandos(as) que o desejassem fazer. O trabalho se repetiu por cinco semanas.

Durante os momentos de leitura do livro, foram elencadas diferentes palavras para serem escritas no quadro e provocar, intencionalmente, a busca por palavras semelhantes na sonoridade e no vocabulário dos/das estudantes. As palavras, no entanto, não foram escolhidas de forma aleatória. A primeira palavra escolhida foi *Canção*. Isso porque, em sala de aula, por se tratar de uma turma com diferentes idades, havia sido trabalhado anteriormente, os gêneros musicais RAP e MPB. Logo, a palavra *Canção* já havia sido debatida e explorada anteriormente em seus múltiplos

sentidos. Foram levantadas as seguintes palavras com a participação de todos os estudantes: *canção, cação, avião, medição, meditação, oração, manutenção, elevação, atuação, facção, benção, composição, extinção, atenção*.

As palavras elencadas pelos(as) alunos(as), em sua enorme maioria, possuíam a última sílaba idêntica à da palavra *Canção*. Dessa forma, visualiza-se que o trabalho com palavras geradoras “propiciam, pela combinação desses elementos, a criação de novas palavras” (Freire, 2001, p.111). Além disso, ao serem ditas, os/as estudantes deveriam dizer o que entendiam daquela palavra ou onde a haviam escutado através da resposta à pergunta: *O que essa palavra significa para você?*

Percebe-se que as palavras “falam” das realidades pelas quais os/as estudantes passam diariamente. As palavras *oração, elevação, meditação e benção* seguiam um contexto religioso na vida daqueles(as) que as disseram; *Facção* adveio de facções criminosas ouvidas em seus bairros e/ou em jornais televisivos, acompanhados de *facção* de costura, uma das profissões existentes na sala; *extinção* adveio das aulas de ciências tidas às quartas-feiras; *manutenção* advinda da profissão de motorista também existente em sala; *cação* da vida de pescador na roça enquanto mais jovem. Esse é um momento rico coletivamente já que os/as estudantes compartilham suas histórias de vida, seus gostos e particularidades, fazendo com que o momento se tornasse, ao mesmo tempo, “de discussão e construção de conhecimento” (Pereira, 2017, p.4).

Num segundo momento, fizemos no quadro e no caderno a separação silábica das palavras, pensando a estrutura morfológica de cada uma delas e de suas sílabas em separado. Cada aluno(a) deveria trabalhar com as palavras que ele/ela trouxe para a atividade e a fonética de cada sílaba era trabalhada elencando novas palavras. Por exemplo: após a palavra *O-ra-ção*, foram pedidas novas palavras com *O* e com *RA*, explorando a sonorização de todas as sílabas. Ao final, múltiplas palavras e sílabas haviam sido trabalhadas por todo o coletivo.

Num terceiro momento, era pedido que eles/elas refletissem sobre todo o significado que cada uma daquelas palavras tinha e que escolhessem algumas delas para formar frases. Nesse momento, os/as alunos(as) de alfabetização ainda em

construção eram auxiliados(as) mais de perto pelas PIBIDIANAs e pela professora da sala.

A intenção com este trabalho era que as palavras tivessem sentido para os/as alunos(as) e que a alfabetização se seguisse *com* letramento

[...] levando ao mundo deles não só a decodificação de letras e sílabas, mas a ampliação do universo leitor, de maneira que não possamos cair no erro de entendermos que o sujeito que passa a conhecer os códigos alfabéticos e posteriormente saber uni-los e lê-los em sílabas, palavras, frases e textos, possa estar efetivamente letrado. (Pereira, 2017, p.5)

Os mesmos passos e trabalhos com a palavra e suas sílabas foram feitos com a palavra *mudança*, que compunha o título do livro juntamente com a canção. No entanto, o foco aqui passou a ser o debate sobre o significado dessa palavra em diferentes contextos das nossas vidas cotidianas. A discussão foi iniciada com a pergunta: *Você acredita que precisa ou pode mudar alguma coisa em sua vida hoje?* Apesar de serem em áreas diferentes, todos e todas concordamos que alguma coisa poderia ou até mesmo deveria mudar; fossem em atitudes, palavras, sentimentos, manias, hábitos. O caráter positivo da palavra *mudança* foi elevado, especialmente, ao ser proposto que se juntasse à palavra *esperança*, trazida por eles como semelhante. Aqui, com Paulo Freire, a intenção era que a educação fizesse algo de fundamental: mudar pessoas para que elas possam mudar o mundo (Freire, 2001).

5. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Muitos dos/das alunos(as) ficavam/ficam enraizados(as) a culturas de reprodução de atitudes e pensamentos, sem questionar a real intencionalidade de cada ato ou palavra. A mudança como algo positivo e que pode ser feito sem que se perca a essência de si mesmo, mas pelo contrário, que faça com que sejamos cada vez mais nós mesmos, foi extremamente importante para o entendimento de que racismos, machismos e preconceitos de raça, gênero e classe, nem sempre foram da forma como os conhecemos hoje e não precisarão ser daqui em diante (Santos,

2021). Concluimos em conjunto, que mudanças são não apenas possíveis, mas também necessárias! Especialmente quanto às questões de preconceitos diversos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com palavras novas e, especialmente, a leitura e escrita dessas palavras foi, ao mesmo tempo, desafiador e instigante para os/as jovens e adultos desta turma. A prática da leitura e da escrita, aliada aos debates necessários sobre os significados dessas mesmas palavras, trouxe formação e alfabetização a esses/essas estudantes.

Além disso, mesmo que o universo maior de contato desses/dessas estudantes seja de maneira incisiva afetado por preconceitos e machismos diários, *esperançamos* que os debates propostos, através dessas palavras, tenham sido mediadores de pensamentos críticos e reflexivos sobre as realidades às quais somos condicionados. Sabe-se que muitas práticas estão arraigadas em nossa estrutura social e que mudanças significativas só acontecerão a longo prazo, porém, acreditamos nas micro e pequenas relações (Foucault, 1988) para que tal mudança emergja. O livro *Canção da Mudança*, em seu ato final deixa um convite: “E você, vem comigo, nessa mudança?”. É o convite que fica a todos nós!

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei no 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42 ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2001.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. 10 ed. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GORMAN, Amanda. **Canção da Mudança**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Intrínseca, 2021.

PEREIRA, Clevania Almeida Benevides. A eficiência do método da palavra geradora em alunos com deficiência em leitura. IV CONEDU – Congresso Nacional de Educação. **Anais... 2017**. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO_EV073_MD1_SA8_ID1895_11092017202910.pdf Acesso em: 18/03/2024.

SANTOS, Jéssica Ribeiro do Carmo. NÃO EXISTE RACISMO NO BRASIL? **Revista de Geografia** (Recife) V. 38, N. 3, 2021. Disponível em

<file:///C:/Users/polyj/Downloads/kennedy,+RESENHA+250523-198316-1+575-582.pdf>. Acesso em: 18/03/2024.

SILVA, Francisca Veridiana. **Uma breve discussão sobre quem são sujeitos da EJA e quais suas expectativas na sala de aula**. Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC), 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11227/1/FVS30052018.pdf>

Acesso em: 10/03/2024.

TORQUATO, Ana. **Essência: menina-mulher-preta**. 1ª ed. Salvador, Ed. Motres, 2022.

VICENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, jun. de 2001.